



Flor do Carmelo

Boletim informativo da Ordem Secular dos Carmelitas Descalços
N.º 31 – 2008

UMA FAMÍLIA DE SANTOS

A Igreja sempre insistiu, e hoje mais do que nunca, no carácter “natural” da família, afirmando não só a sua perenidade, mas colocando-a como prioridade perante outras instituições, como por exemplo o Estado. Se a espécie humana quer subsistir conforme os planos que Deus dispôs na criação temos que defender a família. Para isso devemos ter presente que a família para conseguir a sua finalidade humanizante tem que fazer constantes “ajustamentos” da sua estrutura e das suas funções perante as variações sócio-históricas. Por isso mesmo a instituição familiar é um valor perene mas submetido aos condicionalismos históricos.

A Igreja, ao longo destes últimos anos, tem vindo a organizar sistematicamente campanhas a favor da família e a apresentar testemunhas de santidade conjugal. No dia 26 de Março de 1994 o Papa João Paulo II declarou canonicamente as virtudes heróicas de Célia Guérin e de Luís Martin, pais de Santa Teresa do Menino Jesus. E no dia 19 de Outubro o Papa Bento XVI elevou-os às honras do altar.

Com a sua beatificação, a Igreja estabeleceu pela primeira vez que a comemoração destes esposos fosse no dia em que se uniram em matrimónio, e não no de seu falecimento, como de costume. O dia da beatificação coincidiu com o DOMUND, Domingo Mundial das Missões, e com o 10º aniversário da proclamação de Santa Teresinha de Lisieux como Doutora da Igreja por João Paulo II. É apenas a segunda vez que um casal é elevado aos altares: os primeiros foram Luís Beltrami Quatrocchi e Maria Corsini.

Já no longínquo 1923, o P. João Vicente de Jesus Maria, hoje servo de Deus, escrevia na revista por ele fun-

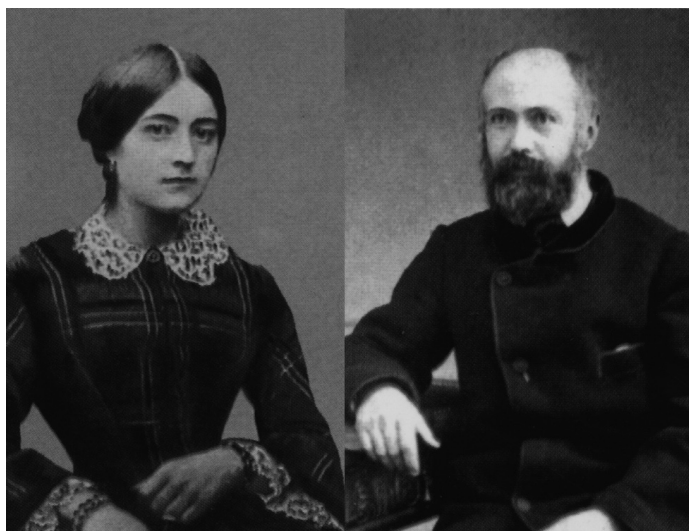
dada: “O senhor Martin deve ser proposto como modelo a todos os pais cristãos”. O senhor Martin “personifica plenamente o ideal santo da paternidade cristã. É espelho da autoridade unida à doçura, da piedade irmanada com a bondade, de uma constante fidelidade a todas as

leis de Deus e da Igreja... Jamais se deixou vencer pelo respeito humano... A sua esposa rivalizava com ele na prática das virtudes. Activa, inteligente, generosa, com o seu exemplo e bondade derramava à sua volta o bom odor de Cristo e todos falavam da sua honestidade, caridade e devoção”.

E não só estes pais devem ser exaltados, mas toda a família. O Carmelita francês, P. Filipe de la Trinité (+ 1975), voz autorizada na Sagrada

Congregação do Santo Ofício, mais tarde Congregação para a Doutrina da Fé, da qual fazia parte como consultor, propugnou, convicto, por muito tempo, a ideia de uma canonização conjunta de toda a família Martin - Guérin, os pais com as quatro filhas religiosas, pois a Teresa já tinha sido canonizada.

Depois de tantos anos de espera o momento chegou. O casal Martin foi posto sobre o candelabro. Todos têm nestes “pais incomparáveis” e “esposos amorosos” modelos de ternura. Na casa de Alençon trabalhava-se, rezava-se e amava-se. Jesus encontrava-se ali como alguém que fazia parte de direito e era o centro de todas as atenções. Falar de Teresa do Menino Jesus é falar de seus pais e vice-versa. E ninguém falou melhor que ela: “Pais incomparáveis...”; “Deu-me Deus um Pai e uma Mãe mais dignos do Céu do que da terra”.



A família – escola de amor

Ainda não somos totalmente conscientes, tanto a nível popular como de pensamento, da importância que o amor tem na formação biológica, psicológica e espiritual da pessoa humana. O que o homem mais necessita para o seu desenvolvimento a todos os níveis é nutrir-se de amor. “Tudo o que possamos ser, o que realizamos, o que acreditamos, tudo depende do amor. Não só do que recebemos directamente, mas do amor que os nossos pais e avós receberam. O homem está constituído no amor” (Rof Carvalho). O amor que damos não é mérito exclusivamente nosso, foi-nos dado ao longo das gerações.



Apesar de o amor ser o tema mais celebrado e de constituir o princípio fundamental e o ponto de atenção de toda a religião, contudo os cientistas modernos não lhe têm prestado a suficiente atenção. Absteram-se de o tratar seriamente e brincam muitas vezes ao amor. Por isso mesmo, como diz Chauchard, o tema do amor é mais do que uma assinatura pendente, é uma nova estrutura que deve informar toda a aprendizagem. Depois de afirmar que o amor é “a nossa necessidade essencial”, escreve esperançado: “Chegará um dia em que o principal ensino prestado aos homens será esta ciência do amor”.

E a primeira e insubstituível escola onde se faz a aprendizagem do amor é a família. A instituição familiar é o espaço adequado para a conformação do sujeito humano. “É escola do mais rico humanismo”(Gaudium et spes 52); nela “coincidem distintas gerações e se ajudam mutuamente a conseguir uma maior sabedoria” (ib.). É aqui que se transmitem os grandes valores convertidos em projectos de vida.

Na família tem lugar a integração do eu e a realização da personalização integral do ser humano. Na família abrem-se caminhos para o desenvolvimento da verdadeira relação interpessoal pela qual se consegue a estabilidade afectiva, uma vez que as relações entre os membros da comunidade familiar estão inspiradas e guiadas pela lei da “gratuidade”(Familiaris consortio, 43).

Fundamentalmente a família define-se pela relação interpessoal. Está constituída por um “complexo de relações

interpessoais - vida conjugal, paternidade-maternidade, filiação, fraternidade - mediante as quais cada pessoa humana é introduzida na “família humana” e na “família de Deus” (ib. 15).

Estas relações interpessoais fazem da família uma comunidade de pessoas em que a comunhão é a forma de vida e o princípio e força desta comunhão é o amor. Por isso a família é uma “íntima comunidade de vida e amor” (Gaudium et spes, 48). Por meio deste amor familiar a pessoa humana vai fazer a experiência de Deus amor. Os pais são os primeiros deuses da criança.

A família Martin – “Terra santa”

Lê-se na biografia de S. Pio X que certo dia a Sra. Sarto, abeirando a sua aliança do anel pastoral de seu filho, o futuro Papa Sarto, exclamou: “Sem esta não terias conseguido esse”. O mesmo podemos dizer de Teresa do Menino Jesus. Sem a atmosfera, o ambiente patriarcal da Rua de S. Brás e dos Buissonnets a ascensão da Carmelita de Lisieux não teria sido tão directa. Por isso mesmo ela começa a sua história dizendo: “A Flor que vai contar a sua história alegra-se por ter para apregoar as delicadezas absolutamente gratuitas de Jesus ... Foi Ele que a fez nascer numa terra santa e como que toda impregnada de um perfume virginal. Foi Ele que a fez preceder de oito Lírios resplandecentes de brancura” (Ms A 3v).

São muito raros os grandes santos que se destacam sozinhos e como desligados do torrão familiar. O mais normal é chegar à vida mística, inspirando-se no ambiente do lar. E Teresa não faltou à regra. Ela foi escolhida por Deus para ensinar ao mundo a arte de santificar a vida ordinária, a grandeza das coisas pequenas, a vida do amor que tudo dignifica e engrandece. Ela ensinou, mas por sua vez aprendeu e fê-lo na escola da sua família. O nascimento da sua grandeza está precedido por uma ascendência de cristãos exemplares. Sobre o seu berço debruçou-se o rosto de muitos santos.



Luís Martin

O Cardeal Mercier exclamava com alegria ao encontrar aqui uma pauta providencial: “Que felicidade a minha, ao saber que Santa Teresa do Menino Jesus é a recompensa duma família modelo! É preciso não cessar de repetir isto por todas as partes”.

Teresa do Menino Jesus é a maior e melhor testemunha da santidade de seus pais.

Célia Guérin

Célia nasceu a 23 de Dezembro de 1831. Foram seus pais Isidoro Guérin e Luísa Joana Mace. Deste casal nasceram três filhos; duas raparigas e um rapaz: Maria Luísa e Célia, nascidas com dois anos de diferença e Isidoro com dez anos. Este viria a ser o mimado da casa.

Desde o berço, Célia recebeu uma dupla herança: a tradição religiosa e o valor castrense. Como era de constituição delicada esteve muitas vezes doente, principalmente, entre os sete e doze anos; sofreu o martírio de incessantes enxaquecas e chegou mesmo a crise mais grave.

O pai era o homem bom em pessoa, duma rectidão proverbial e dum desenvolvido sentido cristão. Embora de formação castrense amava as suas filhas e elas correspondiam a esse amor. Os sofrimentos vieram-lhe da parte da mãe, mulher de uma fê de transportar montanhas, mas com pouca psicologia própria dos educadores natos. Apesar da sua verdadeira ternura maternal, por falta de sentido pedagógico, choca dolorosamente com a filha adornada de uma excepcional delicadeza.

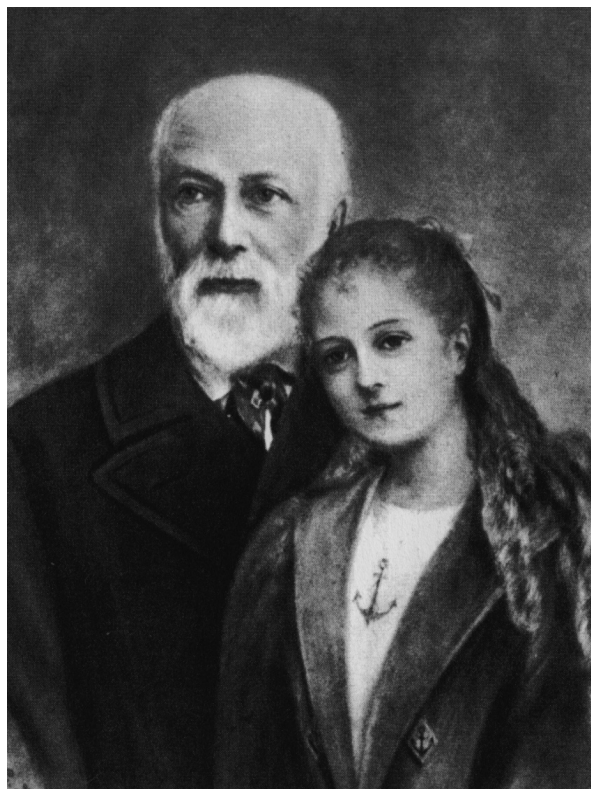
Esta criança parece ter crescido privada um tanto das carícias infantis. Uma vez que nem sempre encontrava eco na sua mãe isto levou-a a criar uma profunda amizade com a sua irmã mais velha. O pai, que nunca rejeitou esforços para dar uma boa formação aos seus filhos, confiou as duas filhas, como externas às religiosas dos Sagrados Corações que gozavam na região de grande prestígio. Célia recebeu ali esmerada educação e formação do qual dá provas mais tarde no seu epistolário. Ela recordará ao seu irmão, como em brincadeira, os sucessos de tempos idos: “Então alcancei o primeiro prémio na redacção. E em onze composições, alcancei dez vezes o primeiro prémio, e, por isso mesmo, pertencia à primeira divisão e à classe superior, sendo como uma juiz da capacidade das outras”.

Tinha grandes desejos de ser santa: “Quero ser santa. Não vai ser fácil. Há muito que devastar, e o tronco é duro como a pedra”. Dirige para Deus todo o seu potencial afectivo, mas o seu temperamento vivaz e a sua ternura cheia de misericórdia leva-a para os doentes e os pobres. Para isso procura as Irmãs de S. Vicente de Paulo. Acompanhada de sua mãe apresenta-se no hospital de Alençon e revela os seus desejos e vontade de ser religiosa à superiora. Esta responde que tal não é a vontade de Deus.

Perante tão categórica resposta, Célia baixa a cabeça com tristeza e eleva ao céu esta súplica: “Meu Deus, já que não sou digna de ser vossa esposa... aceitarei o Matrimónio para cumprir a vossa santa vontade. Então dai-me, vos peço, muitos filhos, e que todos se consagrem a Vós”.

Luís Martin nasceu a 22 de Agosto de 1823 em Bordéus. Foi seu pai Pedro Martin, capitão do exército que desposou a segunda filha do capitão Boureau, Maria Ana Fanil. Desta união nasceram cinco filhos: Pedro que morreu muito jovem num naufrágio, Maria, falecida aos 22 anos, Luís, Fanny que se ausentou da terra aos 26 anos e, finalmente, Sofia, morta aos 9 anos. De Luís disse o santo arcebispo de Bordéus, em tom profético: “Alegrai-vos! Este menino é um predestinado!”.

A profissão de militar de Pedro Martin levou a família de Bordéus para Avignon e daqui para Estrasburgo, onde o capitão Martin exerceu o cargo de ajudante de campo do Estado-Maior. Ao chegar o tempo da reforma, 12 de Dezembro de 1830, retirou-se para a Normandia, concretamente, Alençon, onde encontraria melhores meios para a formação e colocação de seus filhos. Uma senhora da classe alta, que o conheceu muito de perto e nutria por ele uma grande consideração, dizia no locutório de Lisieux às suas netas: “Que santos existem na vossa família!”.



Confidentes do capitão Martin testemunharam a emoção que sentiam quando o ouviam rezar o Pai-nosso. Na tropa muitos de admiravam de o ver tanto tempo de joelhos durante a Missa. E interpelado ao respeito respondia: “Dizei-lhes que o faço, porque creio”.

Os pais procuram, diligentemente, a educação de Luís. Embora pareça não ter frequentado o ensino secundário, iniciou-se suficientemente na aprendizagem do francês, de tal maneira, que pode apreciar o mérito dos livros selectos e dar-se ao estudo pessoal dos autores clássicos.

Apesar de ser filho de militar e de família de militares, dado à aventura, escolhe uma profissão de vida

sedentária. A sua sensibilidade de artista, que aparece nos seus desenhos de rasgos firmes, levou-o para trabalhos primorosos. Dedicar-se-á a cinzelar objectos de valor. Durante a sua permanência em Rennes preparou-se para a arte de relojoaria. E nos anos de 1842 e 43 encontramo-lo na capital da Bretanha, em casa dum primo carnal de seu pai que exercia essa profissão. Daqui empreende uma viagem, escalando as montanhas da Suíça, chegando a Berna, dez dias depois. Regressa por Bale a Estrasburgo. Aqui o turista converte-se em peregrino, abeirando-se do célebre mosteiro do grande S. Bernardo. A arte da relojoaria exige muita aplicação, uma longa aprendizagem e repetidas experiências. As relações que os seus familiares conservavam em Estrasburgo proporcionaram-lhe essa possibilidade.



Pelos primeiros dias de Outono de 1845 Luís Martin acaba de cumprir 22 anos. É o momento de optar: ou pelo matrimónio ou pelo sacerdócio. Preferiu o claustro. Abeirou-se do mosteiro de S. Bernardo de Estrasburgo. O Prior recebeu Luís afavelmente, dialogou com ele sobre os motivos da sua viagem, sobre a sua família e os seus antepassados. Luís não tinha cursado o ciclo da formação clássica, o que era um inconveniente. E ao saber que o conhecimento da língua latina era indispensável ficou decepcionado. Ainda fez tentativas mas foram infrutíferas. Uma doença obrigou o jovem a deixar os seus amados livros e a dedicar-se a ocupações menos absorventes. Viu neste acontecimento uma indicação providencial e dedicou-se novamente à sua arte. Esta leva-o até Paris onde permanece pelo espaço de uns três anos. A sua estada em Paris - a moderna Babilónia - foi uma grande prova para a fé de Luís.

Deixando Paris instala-se em Alençon, em casa de seus pais, onde estes têm uma relojoaria e joalheria. De temperamento tranquilo e meditabundo leva durante oito anos uma vida de trabalho, somente interrompido pela pesca que é o seu “passatempo favorito”, a caça e as veladas

com jovens do Círculo Católico, fundado por um amigo seu. Apesar de perder boas vendas, nunca abre a sua loja aos Domingos. Não se envergonha da sua fé. Vai vários dias da semana à Missa, à adoração nocturna, participa em peregrinações. É um rapaz elegante, olhos claros, porte afável, requisitos que não deixam indiferentes as raparigas de Alençon, mas ele parece ignorá-las. A compra do Pabellon ainda mais o isola, pois aí se retira muitas vezes para ler, meditar e cuidar do jardim.

A senhora Martin vive preocupada com o seu filho; são 34 anos e ainda solteiro. Durante um curso, por ela frequentado, para aprender a técnica do ponto de Alençon fixou-se numa jovem, amável e muito cristã, bem dotada para esta arte, que tornou famosa Alençon em toda a Europa. Esta seria a ideal para Luís.

O casal Martin

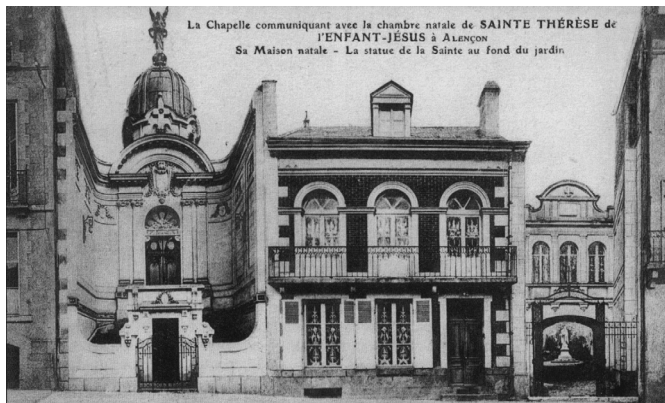
O encontro entre Luís Martin e Célia Guérin deu-se, não por iniciativa dele mas dela. Todos os biógrafos estão de acordo que Célia o encontrou numa ponte e teve a inspiração divina de que aquele homem estava destinado a ser seu marido. Reconheceu que tinha afinidades com aquele homem afável, embora solitário. Transcorridos três meses estavam casados.

A sua vida matrimonial começa de uma maneira muito surpreendente: Luís propõe a sua mulher viver como irmão e irmã. Ela aceita a proposta e, assim viveram durante dez meses até que um confessor os fez mudar de ideias. E fizeram-no de um modo tão radical que entre 1859 e 1870 tiveram nove filhos. Nestes anos os nascimentos e mortes alternam-se a um ritmo acelerado. Nesta segunda metade do século a mortandade infantil é uma praga. Em três anos e meio, os Martin perdem três filhos pequenos e uma linda menina de cinco anos e meio. A estas mortes devemos somar, mais ainda, a dos pais e sogro de Célia entre 1859 e 1868. Agora compreende-se que ela tenha escrito ao nascer a sua última filha: “Tenho sofrido muito na minha vida”.

Alençon

O casal Martin no momento do casamento põe em comum 34.000 francos, duas casas e o Pabellón. A senhora Martin continua com a sua indústria de rendas. Tem nada menos que umas 20 empregadas a quem treina na arte. Faz modelos, fornece desenhos, recebe encomendas, discute com os fregueses e fornecedores. Montou uma indústria caseira que não tardou a ser bastante rentável. É mulher cheia de energia e capacidade, boa esposa, modelo de mãe. Tudo isto realizava com impressionante harmonia. O marido não tem o seu despacho e iniciativa. Ela, praticamente, é tudo. Mas reconhece a grandeza de alma de Luís. “O meu marido é um santo, e eu queria um como ele para todas as mulheres do mundo. Não se pode encontrar um sobre cem que seja tão bom como ele”.

Vemos através das suas cartas que Célia tem “um coração carinhoso e terno, uma natureza viva e graciosa, sagaz,



com dons de observação, e uma mãe feliz, inteiramente dedicada aos filhos apesar de todos os outros afazeres”.

Pelo bem-estar do marido e dos filhos ela ocultou-lhes durante dezasseis anos a sua grave doença. Desde jovem que sofre do peito. A doença degenerou gradualmente em tumor maligno. Quando começou a preocupar-se já era tarde demais, mas nem assim reduziu a sua intensa actividade. A mais nova das filhas era a sua preocupação. “Se Deus me concedesse a graça de criar a menina (Teresa), educá-la seria um prazer. Gosto dos filhos com loucura. Nasci para os ter, mas isto terá que terminar, brevemente. Cumprirei quarenta e um anos a 23 deste mês, é a idade de ser avó”.

Luís Martin vendeu o seu negócio a um sobrinho e dedicou-se ao que a mulher tinha montado. Começou a trabalhar como viajante, nas compras e na escrituração.

Alançon tem nesta época 16.000 habitantes. Abundam as oficinas de rendas, de tela de cânhamo, três dias de mercado por semana, sete feiras no ano. É uma cidade com muitos atractivos. A família Martin, considerada como fazendo parte da pequena burguesia, nutre um carinho especial por esta cidade tão próxima da vila rural. Teresa viveu aqui, apenas, quatro anos e meio, mas foram anos decisivos.

Família Martin escola de virtudes

Teresa ao recordar os anos da sua infância escreve: “Como os passarinhos aprendem a cantar ouvindo os pais, assim as crianças aprendem a ciência das virtudes, o canto sublime do Amor divino, junto das almas encarregadas de as formar para a vida” (Ms A 53r).

No escudo de armas, por ela pintado, aparece uma flor sobre uma terra verdejante. A flor é ela e a terra verdejante a sua família (Cf. Ms A 85v). As vivências mais profundas e as experiências positivas de Teresa têm as suas raízes no seio da sua família. Por isso mesmo não podemos falar de Teresa sem falar da família, nem desta sem falar da santa. Mais tarde, já madura espiritualmente reconhecerá muito agradecida: “Com uma natureza como a minha, se tivesse sido educada por Pais sem virtude ... ter-me-ia tornado muito má e talvez me tivesse perdido ... Não tenho à minha volta senão bons exemplos, queria, naturalmente, imitá-los” (Ms A 8v).

Teresa interroga-se muitas vezes como é que Deus lhe deu uma família assim. “Pergunto-me porque razão me concedeu Deus a graça de pertencer a uma família tão boa” (CT 172). Teresa, ao abrir os olhos a esta vida, sente à sua volta uns seres que transpiram amor, alegria e solidariedade.

Ao recordar a sua infância escreve: “Aproveu a Deus rodear-me de amor toda a minha vida. As minhas primeiras recordações estão marcadas pelos mais ternos sorrisos e carícias!...Mas, se colocou junto de mim muito amor, também pôs muito dentro do meu coraçãozinho, criando-o amante e sensível, e assim eu amava muito o Papá e a mamã e testemunhava-lhes a minha ternura de mil maneiras, pois era muito expansiva” (Ms A 4v). E numa das suas poesias dirá. “Deus pôs à minha volta uma cerca de amor” (PO 18).

Pais incomparáveis

O adjectivo que Teresa usa para qualificar os seus pais é “incomparáveis”. “Tenho a felicidade de ter pais incomparáveis”(Ms A 4r); “o meu coração, aliviado pela bondade com que o meu incomparável pai...”; “Depois de ter abraçado todos os membros da minha querida família, ajoelhei diante de meu incomparável pai, pedindo-lhe a bênção” (Ms A 69r). “Jesus queria, no seu amor, fazer-me conhecer a mãe incomparável que me tinha dado” (Ms A 4v).

Dois meses antes de morrer, Teresa escreve ao P. Bellière dizendo: “Deu-me Deus um Pai e uma Mãe mais dignos do Céu do que da terra. Pediram ao Senhor que lhes desse muitos filhos e que os tomasse para Ele. Este desejo foi ouvido. Quatro anjinhos voaram para o Céu e as cinco filhas que ficaram na arena tomaram Jesus por Esposo” (CT 261).



Pais – “sacramentos” de Deus

Deus sempre foi para o homem algo inacessível e inabordável em si mesmo. Mas ao mesmo tempo também é considerado como próximo e condescendente com os desejos, orações e sacrifícios das pessoas. A Ele se pode chegar não por meio do discurso e raciocínio, mas pela tomada de consciência das nossas experiências ou vivências humanas mais profundas que estruturaram a dimensão religiosa. O acesso a Deus é possível se temos desde o princípio uma experiência verdadeira e imediata de algo absoluto. Se não for assim são inúteis todos os esforços. Entre essas experiências ou vivências fundamentais devemos contar, sem sombra de dúvida, o amor, dada a importância que esta experiência ou vivência tem na gênese e constituição da pessoa humana. Teresa tem uma forte experiência de amor. Tudo à sua volta respira amor. Ela observa como se processa a vida de amor para descobrir e falar de Deus.

O casal Martin não fez do seu lar um convento, mas uma família cristã, “sacramento” da “família de Deus”. Para isso foram configurando todas as relações familiares e todos os acontecimentos em ordem a Cristo e à Igreja, de tal maneira que na vida diária se tornava visível e sensível uma realidade nova. A família Martin era imagem da sagrada Família, modelo, por sua vez, da família sobrenatural de Cristo: “Aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos céus, esse é meu irmão, minha irmã e minha mãe” (Mt 12,50).



Esta família, em que Teresa nasceu e cresceu, era um lugar de santidade, e em virtude da realidade simbólica natural da família, aprendeu a ler e entender, imediatamente, em imagens carnis, naturais e terrenas o que é a santidade de Deus e da Igreja. Os pais de Teresa não são “cristãos burgueses”, embora pertençam à pequena burguesia, mas pessoas profundamente piedosas, cuja religiosidade brota de fonte viva, pois procuram com toda a sinceridade do seu coração a vontade de Deus e o seu cumprimento. Nesta família não há tibieza nem formalismo. O que pode incomodar ou parecer mal é fruto da época.

“Teresa nasce dentro dum mundo familiar, que se converte para ela, imediatamente e de um modo permanente, numa imagem do céu. Na família, nas suas leis, relações e acontecimentos, ela aprende como numa cartilha ilustrada, a soletrar as realidades do cristianismo. Tudo é, neste livro, concreto, tudo fala imediatamente, de modo inteligível; está composto naquela língua que Deus inventou propriamente para os meninos pequenos. Não há perigo que a criança fique por muito tempo parada na letra e não penetre o espírito e o sentido que nela late. A imagem brilha, a letra significa, e a criança aprende imediatamente o sentido, contemplando a imagem e ouvindo a palavra. Uma contemplação simbólica, uma compreensão de conjunto precede no desenvolvimento ao pensar abstracto e garante a recta orientação do despertar do espírito. O mundo é um sacramento total, o fenoménico nele é um símbolo eficaz do espírito de Deus que actua através do fenómeno e da matéria” (Von Balthasar).

Embora sobre a mãe Teresa não tenha muito que contar, pois morreu quando ela ainda não tinha 5 anos (4 e 8 meses), contudo imprimiram-se no seu coração rasgos desta figura amada. Ela guardará recordações indeléveis da sua mãe. O seu sorriso e o seu olhar profundo ficarão gravados para sempre na sua memória: “Da Mamã encantava-me o sorriso; / O seu profundo olhar parecia dizer: / ‘A Eternidade deslumbra-me e atraí-me.../ Irei para o Céu azul / Ver a Deus!...’ ” (PO 18); “Ah! como o coração de uma mãe é delicado! Como traduz a sua ternura em mil cuidados providentes nos quais ninguém pensaria!...” (Ms A 6v).

É tão profunda a marca que a mãe deixa na vida de Teresa que a levará a compreender o amor maternal de Deus. Quando ela escreve: “Deus é mais terno que uma mãe” (Ms A 80v), está por detrás a experiência de carinho de sua mãe.

“O centro da família é o pai. O pai, humanamente tão venerado, querido, quase divinizado, que é para Teresa a unidade imediatamente dada e jamais desaparecida da autoridade e do amor. Na relação com o seu pai, a quem nem por um momento jamais temeu, aprende Teresa que obediência e amor formam indiscutivelmente um todo e que, no fundo, são uma mesma coisa. Na autoridade do pai, aprende a compreender o que é a autoridade de Deus. Ela olha o seu pai, o pai olha a Deus e assim aprende por seu intermédio a olhar a Deus” (Von Balthasar).

Durante um sermão o pai inclina-se para ela e diz-lhe: “Escuta bem, minha rainhazinha, estão a falar da tua Santa Padroeira”.

Escreve ela: “Ouvia bem, com efeito, mas olhava mais vezes para o Papá que para o pregador; o seu belo rosto dizia tantas coisas!... Às vezes os olhos enchiam-se-lhe de lágrimas que em vão se esforçava por conter. Parecia já nada o prender à terra, tanto a sua alma gostava de mergulhar nas verdades eternas...” (Ms A 17v).

E nas orações da noite, Teresa coloca-se sempre junto de seu pai: “Não tenho senão olhar para ele para saber como rezam os santos...” (Ib.). Era tal a união e compenetração que existia entre ela e seu pai, que Teresa escreve à

raiz da morte dele: “Nosso Senhor levou-nos aquele que com tanta ternura amávamos..., mas, acaso não foi para que pudéssemos dizer verdadeiramente: Pai nosso que estás nos céus?” (CT 188).

Este pai converteu-se para as suas filhas na imagem imediata de Deus Pai. A imagem do pai reflecte o amor paternal daquele de quem toda a paternidade toma o seu nome. “Quando penso em ti, querido Paizinho, penso naturalmente em Deus, porque me parece que é impossível encontrar nesta terra alguém mais santo do que tu” (CT 58).

Zélia e Luís Martin Os filhos

não são propriedade dos pais

As relíquias dos pais de Santa Teresinha do Menino Jesus estão a viajar por diversas cidades de Itália. Estive-ram na basílica de São Pedro, em Roma, desde o dia 10 de Janeiro, Sábado passado, até Quarta-feira. O Papa Bento XVI, numa carta de preparação do VI Encontro Mundial das Famílias, apresenta Maria Zélia Guérin (1831-1877) e Luís e Martin (1823-1894) como “modelos exemplares de vida cristã para as famílias de hoje”. O P. Antonio Sangalli, vice-postulador da causa de canonização dos esposos, beatificados no dia 19 de Outubro passado em Lisieux, acompanha sempre estas relíquias e concedeu à Zenit esta entrevista



O milagre para a beatificação dos pais de Santa Teresinha deu-se em 2002. Consistiu na cura inexplicável do pequeno Pedro Schiliro, que sofria de uma grave má formação congénita no pulmão. Seus pais, Valter e Adele, pediram aos esposos Zélia e Luís que intercedessem pelo pequeno, graças a um conselho deste sacerdote carmelita, que alguns dias antes tinha baptizado o Pedro, segundo o ritual romano de perigo de morte.

Como começou sua aproximação aos esposos Zélia e Luís?

P. Sangalli: Foi puramente “por acaso”. Passei a Valter e a Adele a oração aos pais de Santa Teresinha porque esta-

vam desesperados, para que tivessem a força e a coragem para entender aquele momento difícil. Quando me chamaram para baptizar o Pedro eu aconselhei-os que rezassem, que se confiassem à intercessão desses pais, Zélia e Luís, que haviam perdido quatro filhos e haviam encontrado a valentia para dar este passo difícil. Eu não rezava pela cura do menino. Deus concedeu-nos muito mais do que Lhe pedimos. Eu só pedia que o pai e a mãe encontrassem a força e acompanhassem com afecto e amor este menino até a morte. Então, quando depois ocorreu o milagre, os pais pediram-me que fosse o vice-postulador do milagre. Eu pedia que este pai e esta mãe não perdessem a cabeça. Deste modo, eu converti-me no vice-postulador “por acaso”, pelo facto de que aconteceu este milagre.

Antes da cura do Pedro, o P. Sangalli tinha alguma devoção especial pelos esposos Martin?

P. Sangalli: Eu interessava-me por eles por serem os pais de Santa Teresinha; sabia que já se tinha aprovado o heroísmo das suas virtudes, mas a minha intenção era a de ajudar os pais do Pedro, através do exemplo destes dois pais que haviam perdido quatro filhos, para que não se desesperassem. Dirigi-me a eles só por este facto, não por outro motivo.

Acredita que os esposos Martin podem dizer alguma coisa às famílias de hoje?

P. Sangalli: Neste casal eu posso admirar muitos aspectos. Um deles é o que o Santo Padre destacou em 11 de Janeiro, ao baptizar 13 crianças na Capela Sistina, quando dizia que os filhos não são propriedade dos pais. Eles viveram isso perfeitamente.



O menino Pedro nos braços de sua mãe Adela, miraculado pelos pais de Santa Teresinha

Quais são as virtudes que mais admira nos esposos Martin?

P. Sangalli: Eles tinham perdido quatro filhos, mas nem por isso se sentiam como donos da vida, do futuro, do destino dos demais filhos. Sentiam que eram colaboradores de Deus neste desígnio, oferecendo a dor e o sofrimento, implorando ao Senhor. “Somos esposos, somos colaboradores com Deus na vida, ministros e servos”. E isso é muito forte.

Jamais se sentiram como proprietários dos filhos. Não impuseram nada aos filhos. Os exemplos que estes filhos vislumbraram nos pais foi um estímulo para sua escolha de vida, porque viam que o pai e a mãe viviam uma experiência conjugal cristã radical.

Fraternidade de Santa Teresinha

No dia 11 de Dezembro de 2008 teve lugar uma assembleia geral da fraternidade de Santa Teresinha, para proceder à eleição para os cargos do Conselho da Fraternidade, tendo resultado o seguinte:

Presidente – Maria Cristina Lima

Conselheira – Alice Montargil

Conselheira – Maria Adelaide Miranda

Conselheira – Maria Adelina Ferreira

Será esta a composição do Conselho até Dezembro de 2011.

Também foi nomeada Mestre de Formação - Maria Emília André

Notícias de Coimbra

O dia 1 de Outubro, dia da Nossa Querida Padroeira Santa Teresinha, foi verdadeiramente um dia de Festa. Logo de manhãzinha, teve lugar, no Carmelo de Santa Teresa, a festa de Santa Teresinha e do lado da tarde na oração de vésperas, no mesmo local, vivemos com muita alegria, a Festa de novas promessas! Assim fizeram:

Promessa definitiva:

Maria Adelaide,

Maria Eugénia,

Maria Ilda

Maria S. Pedro

Promessa temporária:

Maria Lucília

Renovou pela 2ª vez:

Eulália Celeste

Renovou pela 1ª vez:

Carla Alexandra

Georgina

Joaquim

Irene e Maria José,

Admitidas ao período de formação:

Elvira

Maria Emília

Maria da Luz

Maria Virgínia

Foi uma belíssima Celebração onde os três ramos da Família OCD, estiveram unidos na Alegria, no Amor e na Fraternidade. O Senhor Padre Jeremias, nosso Assistente Nacional presidiu e brindou-nos com o seu jeito carinhoso e sábias palavras; as nossas queridas Irmãs de clausura do Carmelo de Santa Teresa, que nos acolheu, fizeram-nos sentir no Céu, com seus belos e harmoniosos cânticos... todos muito lindos...aquele Flos Carmeli antigo, foi um espanto! Sentimos naqueles gestos que podíamos contar com elas, para nos fazerem crescer, nesta fascinante espiritualidade!

Nós carmelitas seculares estávamos radiantes e muito felizes, com o crescimento da nossa Comunidade OCDS e com o incentivo que nos foi dado.

Estiveram também presentes familiares e amigos.

Louvamos e agradecemos do fundo dos nossos corações, em primeiro lugar a Nosso Senhor e à Santíssima Virgem, Mãe do Carmelo e em segundo ao nosso caríssimo Padre Jeremias e às queridas Irmãs, por nos terem ajudado a dar mais um passinho nesta Espiritualidade, onde cada uma sentiu a presença do Espírito Santo.



Boletim Informativo das Fraternidades da Ordem Secular da Província Portuguesa de Nossa Senhora do Carmo dos Carmelitas Descalços * Fotocomposição: Delfim Machado * Responsável da publicação: P. Jeremias Carlos Vechina * Sede: Domus Carmeli – Rua do Imaculado Coração de Maria, 17 – 2495-441 Fátima Tel. 249 530 650 E-mail: jeremias@carmelitas.pt; Sítio: www.carmelitas.pt